

## Contribuição da musicoterapia para aprendizagem do aluno surdo autista

### Contribuição da musicoterapia para aprendizagem do aluno surdo autista

Clécia Rosas Brito Bastos<sup>1</sup>

**Resumo:** Existem alunos surdos com autismo nas escolas brasileiras, então este estudo visa mostrar que nossos alunos precisam ter um atendimento diferenciado e qualificado. Há poucas pesquisas na área da surdez e autismo, dificultando a compreensão e a formulação de materiais e mensagens didáticas por parte de profissionais, pais e demais interessados em contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento do surdo autista. Este estudo é uma revisão narrativa da literatura para identificar e discutir as principais contribuições da musicoterapia como intervenção para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças surdas com autismo. Sabemos que a abordagem da educação musical é uma forma de aquisição de conhecimento que pode beneficiar os surdos com transtorno do espectro autista, incluindo a consideração da relação entre os estímulos musicais facilitados pela educação musical e a probabilidade de desencadear o processo educacional em crianças com esse transtorno. O estudo foi desenhado com base em métodos qualitativos com um referencial teórico baseado em artigos e periódicos publicados em mídia escrita e eletrônica. Esta pesquisa contou com a contribuição de vários teóricos que lançaram luz sobre a importância do diálogo musical como um elemento sensorial que beneficia alunos surdos autistas, estimula a cognição e leva a uma melhor qualidade de vida, como: Caldas (2009), Couto (2009), Bertoluchi (2011), Barboni (2016) e Borges (2018) contribuem para a possibilidade de refletir sobre elementos estruturais do comportamento musical de crianças surdas em um contexto inclusivo. Os resultados sugerem que quando se trata de surdez e transtorno do aspecto autista (TEA), as escolas precisam estar dispostas a revisar seus currículos, reconsiderar abordagens de estratégias de aprendizagem para alunos surdos autistas e seus espaços físicos para atender às necessidades de todos os alunos.

227

**Palavras-chave:** Educação Musical. Surdez. Autismo

**Abstract:** There are deaf students with autism in Brazilian schools, so this study aims to show that our students need to have a differentiated and qualified service. There is little research in

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Interamericana – Paraguay. Mestra em Ciências da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas (2018), especialista em Administração Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2003), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2001). Atualmente atua principalmente nos seguintes temas: arte e aprendizagem significativa. E-mail: clecia.rosas@gmail.com

Recebido em 02/06/2023

Aprovado em: 08/08/2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



the area of deafness and autism, making it difficult for professionals, parents and others interested in contributing to the learning and development of autistic deaf people to formulate and understand materials and teaching messages. This study is a narrative review of the literature to identify and discuss the main contributions of music therapy as an intervention for the development and learning of deaf children with autism. We know that approaching music education is a way of acquiring knowledge that can benefit deaf people with autism spectrum disorder, including considering the relationship between musical stimuli facilitated by music education and the likelihood of triggering the educational process in children with this disorder. The study was designed based on qualitative methods with a theoretical framework based on articles and journals published in written and electronic media. This research had the contribution of several theorists who shed light on the importance of musical dialogue as a sensory element that benefits autistic deaf students, stimulates cognition and leads to a better quality of life, such as: Caldas (2009), Couto (2009), Bertoluchi (2011), Barboni (2016) and Borges (2018) contribute to the possibility of reflecting on structural elements of the musical behavior of deaf children in an inclusive context. The results suggest that when it comes to deafness and autistic aspect disorder (ASD), schools need to be willing to review their curricula, reconsider approaches to learning strategies for autistic deaf students and their physical spaces to meet the needs of all students.

**Keywords:** Music Education. Deafness. Autism

## INTRODUÇÃO

Discutir processos inclusivos requer, entre outras coisas, um corte que varia em função das especificidades em termos de inclusão de pessoas com deficiência ou complexidade, tendo em conta por exemplo o nível de inclusão, como social, escolar, etc.

Se, por um lado, apresentamos um recorte do tipo de deficiência, por outro, optamos por um caminho que consideramos ser uma deficiência, que é a música. Seja como conhecimento cultural, artístico ou mesmo técnico, a música abre a possibilidade de estar em um mundo que potencializa os processos de comunicação, socialização, autorrealização, e assim nos dá prazer, alegria, nos satura diante da vida. A música é por excelência uma possibilidade de existência que rompe com as nossas limitações, sejam elas devidas a alguma deficiência ou outras limitações devidas às nossas necessidades, frustrações, perfis identitários, etc,

Nesse sentido, o estudo visa considerar a importância da inserção da música como objeto de apreciação no desenvolvimento e aprendizagem de crianças surdas com transtorno do espectro autista (TEA), uma vez que a versatilidade da música é o foco do estudo, o que demonstra os benefícios que a música traz, incluindo a possibilidade de integrar aspectos emocionais, linguísticos e cognitivos para possibilitar a interação social.

Ao considerar o valor inestimável da música como propulsor da melhoria da qualidade

de vida dos alunos, também é possível descobrir o mundo de forma prazerosa, trazendo uma sensação de bem-estar.

Entendendo que os surdos com transtorno do espectro do autismo necessitam de educação e técnicas metodológicas específicas para seu desenvolvimento social e mais pesquisas sobre a educação desses indivíduos devem ser promovidas e enfocadas. Diante desse princípio, e da importância do ensino de música nos espaços escolares, surgiu a seguinte questão norteadora: Como a educação musical pode potencializar o desenvolvimento de crianças surdas com transtorno do espectro autista (TEA)? Este artigo, portanto, discutirá a contribuição da música na aprendizagem e no desenvolvimento de alunos com esse transtorno, partindo da crença de que o desenvolvimento educacional decorre de múltiplos fatores que podem gerar conhecimento, e que a música encontrou seu lugar e precisa ser analisada como um poderoso recurso que pode influenciar positivamente no desenvolvimento de crianças com autismo. Nossa hipótese foi reconhecer que a música pode desempenhar um papel único na educação especial, oferecendo a possibilidade de melhorar a qualidade de vida e aprimorar as experiências cognitivas, emocionais e sociais, algumas das fragilidades encontradas em crianças com TEA.

Nossa motivação para pesquisar esse tema foi discutir que a música pode não ser capaz de tratar os sintomas da surdez e do autismo, mas traz muitos benefícios, possibilita a inclusão social e desperta novas perspectivas interdisciplinares.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo identificar e discutir a principal contribuição da musicoterapia como intervenção para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças surdas com autismo.

Este artigo tem como objetivo enfatizar a importância fundamental dos professores no contexto da educação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os professores são profissionais essenciais, cujas múltiplas facetas demandam a capacidade de dominar, mobilizar e integrar conhecimentos em sua prática diária. O trabalho docente ocorre em um ambiente de interações humanas, onde o elemento humano desempenha um papel determinante e predominante. Embora a profissão docente tenha enfrentado ambiguidades no século XIX, houve, no início do século XX, um aumento do prestígio devido às ações das Associações Profissionais de Professores e à adesão a um conjunto de normas e valores.

No entanto, os professores ainda se deparam com desvalorização social e enfrentam dificuldades na profissão, o que pode causar desmotivação pessoal, insatisfação, indisposição e falta de reflexão crítica. A pesquisa foi conduzida por meio de revisão de literatura, e os resultados indicam que a epistemologia da prática profissional é crucial para compreender o

conjunto de saberes utilizados pelos professores em sua atuação (SANTOS; GONÇALVES, 2023). Na educação de crianças com TEA, o papel dos professores é de extrema relevância, pois são eles que podem promover a inclusão, o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira mais efetiva, proporcionando um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades específicas dessas crianças, estimulando suas habilidades e potencialidades para que alcancem seu pleno desenvolvimento acadêmico e pessoal. Portanto, investir na formação, valorização e apoio aos professores é essencial para oferecer uma educação inclusiva e de qualidade a todas as crianças, independentemente de suas necessidades e características individuais.

## 1 Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa de pesquisa (DA SILVA GONÇALVES, 2007), reconhecendo que a subjetividade do sujeito não pode ser reduzida a números. Além disso, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, conduzida por meio de uma revisão narrativa da literatura, utilizando fontes como livros, jornais, revistas, artigos, documentos especiais e bases de dados virtuais.

A seleção dos artigos foi realizada nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, com a discussão dos trabalhos escolhidos. Também foram consultados sites governamentais e sociedades especializadas no tema "TEA" (Transtorno do Espectro do Autismo). Para conduzir a busca, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Bireme, com termos como "transtorno do espectro do autismo", "inclusão escolar", "inclusão familiar", "crianças" e "educação".

Conforme GIL (2010), a pesquisa bibliográfica tem como propósito analisar diferentes perspectivas relacionadas a um tema específico, visando compreender o conhecimento científico disponível sobre esse assunto. Essa abordagem busca memorizar o conhecimento teórico existente para analisar, produzir ou explicar o objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica busca examinar as principais teorias relacionadas a um tema e pode ser realizada com diversos objetivos (CRESWELL, 2007).

Após uma análise minuciosa dos resultados obtidos nas bases de dados, são apresentados os achados em um resumo abordando o transtorno do espectro autista, destacando as principais contribuições tanto da família como da escola para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com esse transtorno.

## 2 A Educação do Aluno Surdo Autista

A educação de surdos com autismo tem sido constituída por movimentos de pessoas que lutam por uma causa, formando comunidades interessadas no processo educacional dessas pessoas. A comunidade autista geralmente é formada por mães e pais de autistas, levando em consideração a especificidade desse público e a dificuldade em criar ações coletivas criadas pelos próprios sujeitos. Por outro lado, as comunidades surdas são, em sua maioria, formadas por surdos que lutam por seus objetivos. Estas comunidades lutam sobretudo pelo reconhecimento da sua própria cultura, da sua própria forma de viver e pensar.

Com base nessas lutas, foi criada uma legislação especial para surdos e autistas. No entanto, é necessário discutir e implementar de fato esses direitos nas escolas para que a educação inclusiva seja implementada em todas as instituições de ensino do nosso país, contribuindo para a mudança da realidade educacional dessas pessoas.

Borges (2018) aponta que ensinar o surdo não deve ser mais fácil do que ensinar o ouvinte, a metodologia deve ser diferenciada. A autora aponta que é preciso se colocar no lugar do surdo para compreender sua forma de ver o mundo, perceber, sentir, vivenciar e se comunicar. Poder transformar o mundo, torná-lo amigo de todos.

A língua utilizada pelos surdos, a Língua Brasileira de Sinais (Libra), oferece acesso a um mundo majoritariamente ouvinte e pouco adequado a esses sujeitos, como vimos em Quadros (2007), a voz do surdo são as mãos e o corpo que pensam, sonham e expressam. Os gestos da língua de sinais podem não significar nada para muitos, mas para os surdos significa a possibilidade de organizar os pensamentos, estruturá-los e dar sentido à vida. Pensar a surdez requer entrar no mundo dos surdos, “ouvir a voz da mão, que nos conta por meio de alguns movimentos, e para fazer conexões entre os mundos envolvidos é necessário o entendimento da língua de sinais” (QUADROS, 2007, p.119).

Portanto, é possível implementar discussões em nível nacional sobre a importância e a necessidade de respeitar a especificidade linguística da comunidade surda e o uso dessa língua no ambiente escolar e, assim, o desenvolvimento de metodologias de ensino que contemplem a educação de alunos surdos em termos de oportunidades de aprendizagem bilíngue.

Porém, no caso das crianças surdas, o acesso ao mundo da linguagem não ocorre naturalmente pela audição, como no caso das crianças ouvintes, mas pelo canal visual. Assim, por meio da língua de sinais, linguagem visual e espacial, a criança surda poderá se organizar como ser linguístico e se desenvolver cognitiva, emocional e socialmente. Espera-se, portanto, que a escola desempenhe um papel formador para esse sujeito, pois não se trata apenas de

ensinar a língua de sinais, mas a língua de sinais está presente no ambiente escolar, circulando entre os mais diversos interlocutores, presente em vários contextos de forma natural e em situações significativas, permitindo um aporte linguístico rico e diversificado (CUNHA, 2013).

O transtorno do espectro autista (TEA) caracteriza-se pela qualidade reduzida das interações sociais associada a comportamentos repetitivos e estereotipados, atividades e interesses restritos (SZYMANSKI, 2012).

Borges (2018) e Cunha (2013) definem o autismo como um grupo de transtornos do desenvolvimento/condições neurobiológicas que resultam em déficits na comunicação, comportamentos repetitivos e restritivos e domínios sociais.

A inclusão de crianças surdas na rede regular de ensino é um tema de extrema importância e relevância. Garantir o direito à educação para todos é um princípio fundamental e essencial em uma sociedade democrática e igualitária. Nesse contexto, a Lei assegura a inclusão dessas crianças, buscando proporcionar a elas as mesmas oportunidades educacionais que os demais alunos.

A escola desempenha um papel crucial na promoção da inclusão, e o professor tem um papel fundamental nesse processo. Para atender efetivamente às necessidades das crianças surdas, é imprescindível que o professor se prepare de forma adequada. Isso envolve não apenas a compreensão das especificidades da deficiência auditiva, mas também o desenvolvimento de estratégias e metodologias de ensino inclusivas, que possibilitem a aprendizagem de todos os alunos.

A formação do professor desempenha um papel essencial na preparação para trabalhar em um ambiente inclusivo. É importante que a formação docente inclua o estudo da educação inclusiva, o conhecimento sobre língua de sinais, a aprendizagem de técnicas para adaptar o currículo e o uso de recursos que facilitem a comunicação e a aprendizagem dos alunos surdos.

Além do papel do professor, a família também exerce um papel crucial no processo de alfabetização e inclusão das crianças surdas. A parceria entre escola e família é fundamental para promover um ambiente de apoio e acolhimento, possibilitando que a Língua Brasileira de Sinais seja o centro desse processo. A família pode contribuir fornecendo informações importantes sobre a criança, suas necessidades e características individuais, além de apoiar e acompanhar seu desenvolvimento educacional.

Em suma, a inclusão de crianças surdas na rede regular de ensino é um direito fundamental e deve ser assegurado por meio da implementação de políticas e práticas inclusivas. Professores bem preparados e engajados, aliados ao apoio da família, são peças-chave para que essa inclusão seja efetiva e proporcione a essas crianças oportunidades reais de

aprendizado, crescimento e participação plena na sociedade (MENDES, ALMEIDA, POLETTI, 2023).

Para o professor do aluno surdo autista, promover a afetividade em sala de aula é de extrema importância. O professor desempenha um papel fundamental como mediador da afetividade, pois suas atitudes e forma de relacionar-se com o aluno têm um impacto significativo em sua vida. Conhecer os educandos, saber seus nomes e evitar uma postura autoritária são aspectos essenciais para estabelecer uma relação positiva com os alunos. Conforme destacado por Paulo Freire, a troca de experiências entre educador e aluno enriquece o processo de aprendizado escolar. (GIMÉNEZ *et al.*, 2021).

Além disso, o professor deve incentivar a autonomia do aluno, permitindo que ele se descubra e compreenda seus próprios limites, pontos fortes e fracos. Ao fornecer um ambiente acolhedor e estimulante, o educador pode ajudar os alunos a superarem suas dificuldades e alcançarem seu pleno potencial. Apaixonar-se pela profissão e demonstrar afeto pelos alunos são elementos que contribuem para uma educação de qualidade. Quanto mais o professor se dedica e ama o que faz, maior será sua capacidade de ensinar e, conseqüentemente, de tornar o mundo um lugar melhor por meio da educação. (GIMÉNEZ *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a afetividade em sala de aula é uma via de mão dupla: o professor pode influenciar positivamente a vida dos alunos, ao mesmo tempo em que aprende com suas experiências e vivências. A promoção da afetividade na educação do aluno surdo autista é um caminho fundamental para criar um ambiente inclusivo, acolhedor e propício ao desenvolvimento acadêmico e emocional desses estudantes (GIMÉNEZ *et al.*, 2021).

A educação da criança surda e autista é um desafio complexo e exige abordagens pedagógicas e terapêuticas específicas para atender às suas necessidades individuais. A inclusão dessas crianças no ambiente educacional requer um olhar sensível e compreensivo por parte dos educadores, que devem estar preparados para atender às particularidades dessas condições e promover uma educação inclusiva e acolhedora.

Para as crianças surdas e autistas, a comunicação é fundamental e, nesse sentido, a utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outras formas de comunicação alternativa são essenciais para facilitar a interação e o aprendizado. Além disso, estratégias pedagógicas que sejam adaptadas às necessidades individuais de cada criança, respeitando seus ritmos de aprendizado e desenvolvimento, são fundamentais para seu progresso acadêmico e social.

A parceria entre escola, família e profissionais da saúde também é de extrema importância para garantir um suporte adequado e abrangente à criança surda e autista. A colaboração entre esses diferentes atores permite um acompanhamento mais completo do desenvolvimento da criança e a implementação de estratégias consistentes e eficazes.

É essencial reconhecer que cada criança surda e autista possui suas próprias características e necessidades, portanto, a abordagem educacional deve ser individualizada, respeitando suas particularidades e oferecendo um ambiente inclusivo e estimulante. A educação dessas crianças deve ser pautada no respeito à diversidade, na valorização de suas potencialidades e na promoção de seu desenvolvimento integral, permitindo que elas sejam protagonistas de suas próprias histórias e alcancem seu pleno potencial na sociedade (RAMINHO; GONÇALVES, 2023).

### 2.3 A Educação Musical no processo ensino aprendizagem do aluno surdo autista

A música tem grande influência na educação dos indivíduos em geral e dos portadores de necessidades educativas especiais (NEE), pois segundo a ordem e o impulso da música, o organismo humano pode ser efetivamente educado. Portanto, os autistas também têm um grande apreço pela música (FERNANDES, 2016).

Araújo (2015) afirma que, como prática pedagógica, a música pode servir de ponte para motivar professores e alunos. A música pode contribuir para uma educação e um cuidado que norteiam as relações contínuas entre crianças e educadores, pois sabemos que a música conecta culturas e gerações, fortalece relacionamentos, abre um leque de oportunidades para o desenvolvimento cognitivo e contribui para a realização e aprimoramento do conhecimento, capacitando os alunos para o desempenho de funções motoras e intelectuais e para a interação com o meio. Esta ferramenta de trabalho é um facilitador inestimável para a aprendizagem geral.

Atualmente, sabe-se que as unidades de ensino e aprendizagem devem ser reestruturadas, pois sem aprender não se consegue ensinar. Para isso, é preciso planejar novos projetos de ensino, envolvendo todos os que estão direta ou indiretamente envolvidos nas ações educativas, com um propósito claro e definido, colocando-os em prática e avaliando-os sem interrupção, entendendo que esse aprendizado só pode ocorrer se o conhecimento for reconstruído.

A musicalização pode capacitar os alunos, como Snyder (1992) apontou, as habilidades e emoções dos alunos podem ser reconhecidas e reveladas a partir da instrução musical. Dadas essas observações, os autores também observam:

O ensino de música faz a beleza vibrar em uma área mais ampla da escola. Para alguns alunos, ela vem da beleza da música e da alegria trazida pela beleza da música. Muitas vezes ela aparece em suas vidas de outra forma, permitindo que eles sintam a beleza

da vida. Há uma mistura de beleza e verdade na literatura, matemática e beleza e validade na ciência e tecnologia (SNAYDER, 1992, p. 135).

A música pode permitir que pessoas com transtorno do espectro do autismo se conectem com suas emoções de forma direta e autêntica, transcendendo as barreiras que as impedem de se comunicar e expressar seus sentimentos.

Como afirma Caldas (2009, p. 28), “a experiência musical é valiosa para o amadurecimento e desenvolvimento emocional de qualquer criança, principalmente para crianças especiais cujas experiências às vezes são mais limitadas”. Assim, trazer a música para a vida de um indivíduo possibilita que ele se comunique, o conecta com o mundo.

Cil e Gonçalves (2018) apontam em seu artigo que a educação musical para pessoas com deficiência na educação brasileira é complicada porque vincula a música a aspectos terapêuticos, tornando-a uma área de conhecimento secundária. Portanto, os autores afirmam que o objetivo deste trabalho é analisar a interface entre educação musical e educação especial na produção acadêmica brasileira.

Para Sachs (2010), o poder da música, juntamente com o da narrativa e do drama, é de enorme importância prática e teórica. Segundo os autores, isso foi observado mesmo entre os alunos com deficiência que apresentavam incapacidade extrema e confusão motora. A música pode ser efetivamente organizada e agradável quando as formas organizacionais abstratas ou esquemáticas falham.

Pesquisa Padilha. (2008), há evidências de que a musicoterapia pode ajudar crianças com transtorno do espectro do autismo a melhorar as interações sociais, a comunicação verbal, o comportamento inicial e a reciprocidade socioemocional. Também pode ajudar a melhorar as habilidades de comunicação não-verbal em ambientes terapêuticos. A musicoterapia ajuda a melhorar o ajustamento social e a qualidade do relacionamento entre pais e filhos em crianças com autismo. O objetivo da educação é garantir que os indivíduos sejam adequadamente treinados em todos os aspectos do ser humano: físico, emocional e intelectual. Por isso,

Quintanilha (2013) acredita que todos devem ter acesso a uma educação que abranja todos esses aspectos, oferecendo ao aluno a possibilidade de aprender de acordo com suas necessidades e particularidades.

A pesquisa de Santos (2018) mostra que a intervenção musical promove e orienta crianças com autismo a adquirir novas experiências lúdicas, sensoriais, motoras, de linguagem e interativas, abrangendo assim as três mudanças de interação, comunicação e comportamento na forma de brincar e música.

Fernandes (2016) sugeriu que a musicoterapia tem potencial para ser uma intervenção

eficaz para melhorar as habilidades sociais de crianças em idade escolar com recursos limitados, especialmente nas áreas de comunicação e comportamentos de baixo desempenho/alto risco. Técnicas de ensino através de letras e improvisação tornaram-se intervenções extraordinárias.

Assim, quando a música é utilizada como recurso de aprendizagem, a criança tem a possibilidade de interagir e se comunicar, o que contribui significativamente para o seu desenvolvimento escolar. Atendendo a todas as necessidades especiais acima referidas, é imperativo encontrar formas de promover e prevenir a exclusão social. Nas palavras de Bertoluchi (2011, p. 3):

A música promove a descoberta de uma linguagem sensível, desenvolve o potencial criativo das crianças e beneficia a sua capacidade de inventar e reconstruir o que as rodeia. A capacidade de raciocínio da criança é estimulada pela criatividade, que pode ajudá-la a resolver suas próprias dificuldades.

Acredita-se que a educação musical seja uma forma de intervenção por meio da qual as atividades podem trazer muitos benefícios para pessoas com transtorno do espectro autista. Segundo Padilha (2008, p. 47), “[...] a experiência musical estimula uma gama de processos neurofisiológicos e mentais identificáveis e desenvolve atitudes motoras, perceptivas e cognitivas e ativa processos afetivos e sociais”. Portanto, é preciso reconhecer a função única da música, que abre caminhos para experiências que envolvem diversos aspectos. A atividade musical com crianças surdas autistas e sua possibilidade de se relacionar com o ambiente sonoro de novas formas pode ser considerada uma das principais contribuições.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da música, acreditamos ser possível vislumbrar um processo inclusivo para pessoas com surdez e autismo, pois cria potencial de engajamento para os músicos. O ser humano se forma através da música como referência para sua existência. Desde o início, fomos atraídos pelas melodias que nos lembraram, e ainda fazem, de nos unir, estreitar laços, demarcar momentos especiais e, principalmente, permitir a expressão individual e coletiva.

Através da realização de uma revisão de literatura, esses artigos constataram que discutem a musicoterapia como uma opção de tratamento para surdos autistas. Vários estudos mostraram que é eficaz para pessoas com desenvolvimento típico e atípico. Um estudo selecionado para esta revisão investigou os efeitos da musicoterapia em crianças com TEA e

descobriu que elas tinham um forte interesse pela música, tornando a música uma oportunidade única no mundo do autismo (BORGES, 2018).

Entre as diferentes abordagens teóricas que discutem as inúmeras oportunidades que a atividade musical proporciona às crianças com habilidades motoras finas e aprendendo a controlar seus músculos e se mover com destreza, destaca-se o modelo proposto por Beineke e Zanetta (2014). Neste modelo, reconhece-se que o ritmo desempenha um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Isso porque toda expressão musical ativa atua no cérebro, promovendo liberação emocional, resposta motora e alívio de tensões.

Em um estudo de Colto e Santos (2009), eles sugeriram os efeitos positivos da musicoterapia nas interações sociais de crianças com autismo, o que pode permitir que essas crianças interajam melhor com suas famílias, bem como em ambientes escolares.

Um estudo de Szymanski et al. e outros (2012) descobriram que as regiões de processamento de linguagem eram menos ativadas em indivíduos autistas. Apesar disso, a habilidade musical geralmente é preservada. Os autores observam que as regiões cerebrais associadas à linguagem e à música se sobrepõem, apoiando a possibilidade de que a reabilitação por meio da música possa melhorar o comportamento social e comunicativo ao expandir a atenção conjunta.

Segundo Padilha (2008), a atividade musical envolve imitação e sincronização, ativando assim regiões contendo neurônios-espelho que promovem a cognição social. Os neurônios-espelho são responsáveis por simular ações e emoções observadas em outras pessoas, permitindo uma forma de empatia e compreensão das intenções e estados mentais dos outros. Dessa forma, a prática musical não apenas estimula aspectos cognitivos relacionados ao processamento auditivo e motor, mas também desempenha um papel significativo no desenvolvimento das habilidades sociais e na capacidade de se conectar com os demais. Essa interação entre música e cognição social tem demonstrado benefícios importantes, especialmente em contextos educacionais e terapêuticos, incluindo o suporte ao desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão da literatura sobre estratégias de abordagem de aprendizagem para alunos surdos com autismo, argumentamos que as escolas precisam estar dispostas a adaptar as ofertas instrucionais e os espaços físicos para atender às necessidades de todos os alunos, a fim de alcançar uma mudança significativa no ambiente educacional e social no sentido de

que cada indivíduo seja considerado.

Estudos comprovam que a musicoterapia, como ferramenta de tratamento do transtorno do espectro autista, tem efeitos positivos principalmente nas áreas social, comunicação, psicomotora e linguagem. A melhoria das competências de comunicação musical tem um impacto positivo na socialização das crianças, fundamentalmente na área da comunicação.

Assim, embora poucas pesquisas tenham sido realizadas nessa área, é possível compreender como a educação musical pode contribuir para o desenvolvimento de surdos autistas. A hipótese deste trabalho foi confirmada. Os benefícios da música são muitos, sendo o principal deles melhorar a aquisição da linguagem e as relações sociais em pessoas surdas autistas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kenia Kerlley Saraiva. A contribuição da música para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. 2015. <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-para-desenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm>. Acesso em 30 de julho de 2023.

BARBONI, Débora Munhoz. Como a música pode ajudar no desenvolvimento da criança autista. 2016. In: **Terra da música blog**. Disponível em: <https://terradamusicablog.com.br/como-musica-pode-ajudar-no-desenvolvimento-da-crianca-autista/>. Acesso em 12 jul. 2023.

BERTOLUCHI, M. A. Autismo, musicalização e musicoterapia. In: **Artigos meloteca**. Pirassununga: Centro de Estudos e Desenvolvimento do Autismo e Patologias Associadas – CEDAP, 2011.

BORGES, Thaynan da Rocha. Surdez e Autismo: Possibilidades de Intervenção Pedagógica. **Repositório Digital- IFG**, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em 10 jul. 2023.

CALDAS, Ana Luiza Paganelli. A Língua de Sinais e os sons: uma apreciação estética. In: BEYER, Esther e KEBACH, Patrícia (org.). **Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTE, T. C. F. **Dialogismo e impedimentos cognitivos**: reflexões sobre a comunicação entre adulto e estudantes com deficiência intelectual. Universidade Federal da Paraíba, 2017.

CIL, L. R.; GONÇALVEZ, T. G. G. L. Educação musical e educação especial na produção científica de dissertações e teses. **Musica Hodie**, Goiânia, v.18, n.2, p. 327- 342, 2018.

COUTO, Ana Carolina Nunes do; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. **OPUS, Goiânia**, v. 15, n. 1, p. 110-125, jun. 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na Escola**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 10, p. 199-203, mar. 2007 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 05 jun. 2023.

DEMO, P. Aprender com suporte digital- Atividades autorais digitais. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, v. 25, p. 10-94, jul./set. 2020. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/1284](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1284). Acesso em: 04 nov. 2022.

GIMÉNEZ, Mercedes Blanchard, *et. al.*, Afetividade na educação infantil: um estudo de caso à luz de Paulo Freire, Piaget e Wallon. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)** - ISSN: 1809-1628. vol. 32- p .245-258.out /dez. 2021. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/2064/pdf\\_1](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/2064/pdf_1). Acesso em 04/06/2023.

FERNADES, P. R. S. Musicoterapia e perturbação do espectro do autismo. **Jorsen**, Portugal, v.16, n. 1, p. 725-730, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MENDES, Amanda Ferreira; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de; POLETTO, Lizandro. Educação inclusiva: desafios das crianças surdas no processo de alfabetização. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 17, jan-jul 2023. ISSN 2318-4817. Disponível em: <<http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altuscienca/article/view/125/64>>. Acesso em: 26 jun. 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7884019.

QUINTANILHA, J. C. **Uma proposta de oficina de música para alunos com deficiência visual**: Construção de instrumentos musicais e performance. 2013. 148f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013

SANTOS, Ana Rachel Pires Cantarelli; GONÇALVES, Maria Célia da Silva. Profissão Docente: múltiplas facetas e desafios na mobilização e valorização dos saberes. In: **ALTUS CIÊNCIA**. ISSN 2318-4817. vol. 17, jan./jul. 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7897607.

Disponível em: <<http://revistas.fcjp.edu.br/ojs/index.php/altusiencia/article/view/135>>.  
Acesso em: 05 de jun.2023.

RAMINHO, Edney Gomes; GONÇALVES, Maria Célia da Silva; Infância e criança como construção social: cenários, avanços e prospectos. **DIREITO EM REVISTA**, v. 8, jan./dez. 2023. ISSN 2178-0390. DOI: 10.5281/zenodo.7968534. Disponível em [http://revistas.icesp.br/index.php/DIR\\_REV/article/view/4015](http://revistas.icesp.br/index.php/DIR_REV/article/view/4015). Acesso em 20 de junho de 2023.

RAMINHO, E. G.; GONÇALVES, M. C. da S.; FURTADO, A. C. Contribuições da formação para os saberes do professor do século XXI: Um projeto a ser discutido. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. esp.1, p. e023014, 2022. DOI: 10.30612/eduf.v12in.esp.1.17109. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/17109>. Acesso em: 27 jun. 2023.

240

PADILHA, M. C. P. **A musicoterapia no tratamento de crianças com perturbação do espectro do autismo**. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Universidade da Beira Interior Faculdade de Ciências da Saúde, Beira Interior – Portugal, 2008.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Teixeira Motta: São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, C. E. C. **A música como ferramenta de desenvolvimento para crianças autistas: um estudo na interface da musicoterapia com a educação musical à luz dos conceitos de Vigotski**. 2018. 246f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SNAYDER, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

SZYMANSKI, C., BRICE, P., LAM, K., HOTTO, S. Deaf Children with Autism Spectrum Disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 2012.